

## Alexandre Herculano e Cataldo Parísio Sículo

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO  
Catedrático de Literatura Latina da Universidade de Coimbra

Em 13 de Julho de 1839, no fascículo nº 115 de *O Panorama*, podia ler-se a seguinte declaração, no final do primeiro de vários artigos sobre o Cristianismo: “Tendo deixado por motivo de negócios pessoais o lugar de principal redactor deste jornal, e desejando, todavia, contribuir com os meus poucos cabedaeas para uma publicação, que me persuado tem feito algum bem à civilização nacional, continuarei a escrever, quando outras ocupações mo permitam, vários artigos, que serão sempre assinalados com as iniciaes do meu nome. **A. Herculano.**”

Anteriormente, em colaboração não assinada, tinham aparecido artigos, esboços de reconstituições históricas e pequenas notas que revelam a marca dos interesses espirituais, da seriedade e do estilo, característicos do “principal redactor”. Recordarei “A Abóbada”, trabalho começado a publicar no fascículo 98, a 16 de Março de 1839, e concluído quatro números mais tarde — *O Panorama* era semanal — no fascículo 102, a 13 de Abril de 1839. E “A morte do Lidador” que acabava no fascículo 111, a 15 de Junho de 1839. Estas duas reconstituições históricas, publicadas anonimamente, virão a encontrar-se mais tarde, nas *Lendas e Narrativas*<sup>1</sup>.

Com a assinatura A. H., surge-nos “O Chronista. Viver e Crer de Outro Tempo, 1535”, de que saiu o primeiro folhetim, subtítulado “I — O Viver”, no fascículo 125, de 21.9.1839, pp. 300-304, pertencente ao vol. III de *O Panorama*. E um segundo folhetim, correspondente à segunda parte, no fascículo 126, de 28.9.1839, pp. 305-309, do mesmo volume.

O “Chronista” é Cristóvão Rodrigues Acenheiro que dialoga com Fernão Cardoso, pagem da toalha de D. João III, de visita ao mestre-cantor Pero do Porto, hospedado em Évora, em casa de Acenheiro. As circunstâncias da visita são reconstituídas, segundo uma carta de Fernão Cardoso. E na conversa

que segue, a propósito do estabelecimento da Inquisição e do acréscimo de poder para os eclesiásticos que se receava ela trouxesse, Herculano introduz, narrado por Acenheiro, o episódio do Bispo Negro que, mais tarde, há-de passar para as **Lendas e Narrativas**.

Tratando de Acenheiro e da sua **Crónica**, defende Herculano em nota a legitimidade do romance histórico: “Vá aqui mais uma humilde opinião nossa. Parece-nos que nesta cousa chamada hoje **romance-histórico** há mais história do que nos graves e **inteiriçados** escriptos dos historiadores” (p. 306).

O interesse de Herculano pela carta de Fernão Cardoso, homem cujos ditos e graças povoam os anedotários do reinado de D. João III, mostra que o historiador não limitava a sua atenção à Idade Média. Isso mesmo é confirmado por outros artigos, quer anônimos, quer assinados.

Um deles, que nos interessa aqui particularmente, intitula-se “Origem da Typographia Portugueza” e teve início no fascículo 4, vol. I, da pp. 29 a 32, a duas colunas, publicado em 27 de Maio de 1837. O artigo não é assinado, mas o conteúdo, ainda mais do que o estilo, sugere a autoria de Herculano.

Com efeito, na p. 165, lê-se: “Valentim de Morávia publicou em 1500 as obras de Cataldo Sículo, professor italiano, que, despresado no seu paiz, veio ensinar rhetorica em Portugal. Desta edição rarissima ha um exemplar, falta de algumas folhas, na Bibliotheca do Porto (2)”. E a nota (2) completa as informações do autor do artigo sobre Cataldo, não muito numerosas, mas de inconfundível cunho pessoal: “É assaz curioso este volume por uma carta de Cataldo a um Judeu, pretendendo provar-lhe que debalde esperavam elles o Messias: 1º porque o povo os perseguia; 2º porque **deitavam de si mau cheiro.**” (O sublinhado é do próprio artigo).

A menção da Biblioteca Municipal do Porto, de que o historiador foi bibliotecário, era mais um indício em favor da suspeitada autoria.

A correspondência de Cataldo, e em particular esta carta, merecem muito mais do que o qualificativo de “curiosa” que Herculano lhe atribuiu. A carta é um extraordinário documento sobre o espírito da época e o ambiente em que se deu a expulsão dos judeus. A argumentação também se não limita ao mau cheiro invencível de cada fiel do judaísmo, uma acusação gratuita cuja vacuidade é reforçada pela afirmação de que “mal ele recebe o sacrossanto batismo, não exala como antes um cheiro mefítico, à maneira de quem saiu do esterco, mas por um repentino milagre de Deus, espalha um como odor suave de rosas ou cravos” (*Cum primum sacrum sanctumque suscipit baptismum, non ut antea ueluti et stercore egressus, mephitim exhalat, sed tamquam e rosario, cariophyllarique nescio quid odoriferum suaueque repentino Dei miraculo effundit*).

A epístola de Cataldo ao médico e rabi seu amigo, para além desta exteriorização de preconceitos ridículos, contém argumentação mais séria. E, sobretudo, documenta, com um vigor de causar arrepios, a tragédia doméstica dos judeus que preferiram matar a família e suicidar-se depois, a deixar que lhes levassem os filhos, os fizessem abjurar ou tivessem que exilar-se pais e filhos da pátria que para muitos era Portugal. Torna-se assim um elucidativo complemento de Damião de Góis, **Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel**, livro I, capítulo XX.

Se um dia for publicada uma seleção das cartas de Cataldo, acompanhadas de tradução, esta será uma das epístolas obrigatórias.

Trinta anos mais tarde, no “volume XVII, Segundo da Quinta Série, Lisboa, 1867”, da mesma revista **O Panorama**, aparecia um artigo da autoria de Manuel Bernardes Branco, com o título de “Obras de Cataldo Paraíso Sículo”. Em dada altura, o articulista informava: “Esta obra, da qual já o Sr. A. Herculano fez menção no 1º vol. do **Panorama**, tratando da origem da typographia portugueza, é em folio; os caracteres são próprios da época, isto é, gothicos”.

O estudo de Bernardes Branco apareceu em fascículos sucessivos do número XVII da revista, nas páginas 35-36, 54-55 e 68, e foi claramente sugerido pela referência de Herculano a Cataldo, feita trinta anos antes. Assim é que procura completar o artigo inicial do historiador sobre o humanista italiano, informando os seus leitores de que o exemplar visto por Herculano, a saber, **Epistolae et Orationes Quaedam Cataldi Siculi**, Lisboa, Valentim Fernandes, 1500, viera da biblioteca do Mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra. E corrige a afirmação de Herculano sobre os motivos que levaram Cataldo a deixar a Itália, escrevendo: “. . . nada se vê que nos possa levar a acreditar que Cataldo, por se ver desprezado na sua pátria, se viera estabelecer em Portugal, como nos diz o **Panorama**, no vol. 1”.

Finalmente, traduz para português a carta de Cataldo ao judeu que, anos atrás, tanto impressionara Herculano que é, uma vez mais, mencionado: “Eis a tradução da carta curiosa, como lhe chamou o Sr. A. Herculano”.

Infelizmente, a versão de Bernardes Branco não é notável. Em 1974, na “Introdução” do livro **Cataldo Parísio Sículo: Duas Orações**, que publiquei com Maria Margarida Brandão Gomes da Silva, em edição do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, anexo à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, tive oportunidade de corrigir alguns dos erros do latinista do século passado. Muito conhecido por um **Dicionário Português-Latim**, ainda hoje usado em Portugal, professor dedicado e competente de língua latina, faltavam, todavia, a Bernardes Branco<sup>2</sup> conhecimentos de latim humanístico e do próprio ambiente cultural e social do século XVI, para que a sua tradução saísse escorreita. Mas sobre este assunto remeto o leitor para o livro acabado de citar, nas páginas 10 a 14.

Aqui, bastará dizer que, sendo o título da carta “Cataldo a Próspero, médico e rabi drepanitano”, isto é, natural de Trapani, na Sicília, o tradutor de **O Panorama** verte: “Cataldo ao venturoso rabi de Nápoles”. Todavia, quem ler a epístola do Sículo ao seu patrício (que não era napolitano), verificará sem dificuldade que nada menos apropriado do que chamar “venturoso” ao pobre rabi . . .

Mais tarde, segundo um poema de Cataldo, o médico judeu converteu-se ao Cristianismo, como essa violenta carta lhe aconselhava que fizesse, e recebeu no batismo o nome de Henrique:

**Hic etiam Prosper, natiuo nomine Prosper,  
Nunc posito Henrici nomine fidus adest.  
Iampridem Siculis qui cum discederet oris  
Venit in hos noster compatriota lares. (Visiones, I, A vº)**

“Aqui também Próspero, aquele Próspero que assim se chamava de nascimento, mas que agora, com seu nome posto de Henrique, está fielmente a meu lado. Há muitos anos, este meu compatriota, deixando as costas sicilianas, aqui fez o seu lar.”

Tive ocasião de propor a sua identificação com um dos médicos da “Farsa dos Físicos” e de publicar uma fotocópia da carta de Cataldo, no artigo “Mestre Anrique da ‘Farsa dos Físicos’ de Gil Vicente”, *Humanitas*, XXV - XXVI, Coimbra, 1973-74, pp. 91 a 113, onde também pode ver-se, igualmente em fotocópia, o trecho do raríssimo *Visionum liber I*, a que pertencem os quatro versos acima transcritos.

Quanto ao humanista siciliano, o seu nome não aparece completamente certo no artigo de Bernardes Branco, que veio a ser reeditado na obra do mesmo autor, *Portugal e os Estrangeiros*, Lisboa, tomo I, 1879, pp. 233-240. Como prôvo no livro atrás citado, nas páginas 17 a 30, Cataldo nunca usou o sobrenome de *Aquila*, sendo este o título de um livro seu. Usava realmente o nome de Cataldo Parísio Sículo<sup>3</sup>.

*Le pistole*

*Cataldois*



Não sei se a identificação do médico Henrique, cristão-novo, com o vicentino Mestre Anrique, virá a ser mantida pela pesquisa futura, minha ou alheia, mas uma coisa ficou clara no artigo de *Humanitas*, XXV-XXVI, e é que a hipótese do Doutor Alberto da Rocha Brito, professor da Faculdade de Medicina de Coimbra, de que o Mestre Anrique da “Farsa dos Físicos” era Henrique de Cuellar, se torna insustentável, depois da argumentação que contra ela apresentei nesse artigo. Isto não impedirá, todavia, que ainda por muito tempo a tese de Rocha Brito sobreviva em livros rotineiros sobre Gil Vicente ou antologias das suas peças.

Voltemos, porém, a Alexandre Herculano. É ainda Bernardes Branco quem observa que Alexandre Herculano voltara a recordar Cataldo, no Prólogo do 1º volume da *História de Portugal* (1846), ao referir que o Sículo emprega as palavras *Lusitania* e *Lusitani* para Portugal e Portugueses.

Todavia, essas prestigiosas palavras que irão originar os *Lusiadae* (1531) de André de Resende e *Os Lusfadas* (1572) de Luís de Camões já tinham sido usadas, antes de Cataldo, por D. Garcia de Meneses<sup>4</sup> no discurso que pronunciou em Roma perante o papa Sisto V, em 31 de Agosto de 1481.

Alexandre Herculano mostra na *História de Portugal*, I (1846), p. 10, ter lido o discurso latino que gozou de fama em Itália no final do século XV, como consta da *Chorographia* (1561) de Gaspar Barreiros que o reimprimiu. E não esqueceu o triste destino do bispo de Évora, a caminho do seu túmulo na cisterna do castelo de Palmela, por mandado de D. João II, tal como o vê, nas páginas de *O Panorama*, o Mestre Gil, do conto do mesmo nome, que hoje pode ler-se na 2ª edição (1970) de *Lendas e Narrativas*.

#### NOTAS:

<sup>1</sup> Muitos outros trechos históricos anônimos, de feição mais narrativa do que romanceada, não voltaram a ser editados, ao que penso. Alguns deles foram publicados por Arlindo Leite em *Fragments Literários* de A. Herculano. Colhidos, anotados e precedidos de uma notícia bibliographica por A. L. Tomo I. Rio de Janeiro, Graphica Sauer, Av. Mem de Sá, 155, 1927. Creio que não houve outro volume, além deste primeiro. Alguns foram também reeditados, na 2ª edição de *Lendas e Narrativas*, Livraria Bertrand, Lisboa, 1970, organizada por Vitorino Nemésio, com a colaboração de António C. Lucas.

<sup>2</sup> Na biblioteca do Real Gabinete Português de Leitura, do Rio de Janeiro, existe um livro seu, pouco conhecido: Ollendorf e Benot, *Novo Methodo para aprender a Lingua Latina*, adequado para uso dos Portuguezes e Brasileiros por Manoel Bernardes Branco. 1887, Tavares Cardoso e Irmão-Editores, Largo de Camões, 56, Lisboa. O prefácio contém uma diatribe contra a *Grammatica Latina* para usos das Escolas por J. N. Madvig. . . trasladada do allemão para portuguez por Augusto Epiphanyo da Silva Dias, Porto, 1872.

<sup>3</sup> Uma pequena biografia de Cataldo, introdutor do Humanismo em Portugal, com bibliografia actualizada, pode ler-se no artigo que escrevi para *Verbo: Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* vol. 17, Lisboa, 1975, pp. 46-47. A legenda da gravura dos *Poemata Cataldi*, publicada nesse artigo, está errada e não é da minha responsabilidade. Em vez do que lá está, deve ler-se “Lisboa, s.d.” Também na p. 46 (quintalinha a contar do fim), a data é 1509 e não 1505.

<sup>4</sup> Sobre a educação deste bispo, ver A. Costa Ramalho, “Coimbra no tempo de Anchieta (1548-1551)”, 8º Congresso Brasileiro de Língua e Literatura, Rio de Jan., 1976, pp. 55.